

## RELATÓRIO DE CONSULTORIA AO PROGRAMA "PARKATÊJÊ"

Iara Ferraz  
abril 1994

O luto pela morte de Elisabete Ipopãre, ocorrida na comunidade parkatêjê a 15 de abril último, fez adiar a realização de uma reunião da comissão de gerenciamento do Programa (conforme o convênio CVRD 0333/90), inicialmente prevista para o final deste mês de abril. Acreditávamos que um único relatório referente às duas viagens seria então encaminhado; no entanto, dado o adiamento da reunião (maio próximo), o presente relatório diz respeito apenas à viagem realizada entre 11 e 18 de março p. p.

### A reestruturação da escola

Por solicitação da comunidade, estivemos reunidos na aldeia durante uma semana com a equipe responsável pelo projeto de educação, a fim de discutir a reestruturação do funcionamento da escola, sobretudo de 5a./8a. séries (convênio SEDUC/PA) considerando também a operação do primeiro segmento (1a./4a. séries), onde os monitores formados através do projeto de educação integrante do Programa estão começando a atuar como estagiários.

O atual modo de funcionamento da escola foi tratado em relatório apresentado pela Profa. Leopoldina Araújo, coordenadora do projeto de educação. Em breve, algumas modificações deverão ser adotadas quanto à remuneração por serviços especiais prestados ao Programa, o que será objeto de discussão na próxima reunião da comissão de gerenciamento.

### Preocupações diferenciadas

Entre os fatores que levaram à evasão do segundo segmento (5a./8a. séries) no decorrer de 1993, pode-se considerar que as mortes recentes de membros da comunidade que mantinham laços muito estreitos com as atividades do projeto de educação (o filho mais velho do chefe Krohokrenhum e, depois, seu irmão mais moço) desencadearam um processo de desestímulo por parte da clientela da escola - jovens solteiros, em sua maioria, numa faixa de 15 a 23 anos.

Ao lado deste fator (a nosso ver crucial e de difícil superação) deve ser levado em conta que as preocupações destes jovens estão hoje voltadas para aspectos práticos da situação que vivenciam, diretamente relacionados às suas expectativas quanto ao futuro. Assim, a continuidade (?) de uma escolaridade "kupé" e seu efetivo aproveitamento no interior da comunidade vêm sendo questionados, tanto pelos próprios jovens quanto pelos mais velhos.



Estas questões, por sua vez, contrapõem-se às pressões concretas da sociedade parkatêjê, no sentido de que ela precisa se reproduzir, tanto física quanto social e culturalmente. Se, para os mais velhos, a importância desta reprodução recai principalmente na oralidade, enfatizando o retorno à utilização da língua nativa por parte das crianças e jovens, assim como na realização de cerimoniais (sobretudo os cantos) que estão sendo "relembrados" através das viagens a outros grupos Timbira (Krahô/<sup>to</sup> Canela /MA), para os jovens, por sua vez, principalmente os rapazes - contrariando os padrões de comportamento social tradicional parkatêjê - estão interessados em buscar logo suas esposas, independentemente das obrigações engendradas pelo casamento (a manutenção da rede dos parentes afins). A consequente e repentina elevação da taxa de natalidade são fatores com que os Parkatêjê hoje se defrontam, tendo se tornado objeto de suas preocupações presentes, que dizem respeito ao futuro daquela sociedade.

O incremento demográfico ali verificado recentemente resulta também do afluxo de jovens e adultos (homens e mulheres) de outros grupos indígenas, sobretudo Pykobjê (também chamados Gavião de Amarante/MA) e Guarani, além de famílias regionais agregadas, dadas as condições de assistência (alimentação, saúde, educação) relativamente melhores na comunidade, se comparadas àquelas das suas áreas de origem.

Se essas condições são, por um lado, consideradas "satisfatórias" a curto prazo, os problemas ali existentes, por outro lado, acentuam características de uma espécie de "bomba-relógio" a médio e longo prazos: o aumento demográfico inusitado, a questão da sucessão da chefia, a dependência crescente dos recursos financeiros sob controle exclusivo da gerência do Programa Parkatêjê (onde, a nosso ver, modificações devem ser introduzidas a curto prazo), o "encolhimento" do território (com as porções perdidas) e a vulnerabilidade incessante às invasões (sobretudo no limite sul, cortado pela ferrovia de Carajás), além das prováveis contaminações (eletromagnética e por pesticidas, dada a exposição permanente às redes de alta tensão da Eletronorte) que atingem o rebanho e a população, com o surgimento de doenças degenerativas e mortes precoces na comunidade.

Em linhas gerais, este é um conjunto de aspectos que hoje preocupa a maior parte da população parkatêjê, sobretudo os mais velhos, onde o chefe Krohokrenhum se destaca. Para este importante segmento da comunidade, a recuperação de rituais "esquecidos" (através da participação, como convidados, nos grandes rituais em outras aldeias Timbira, como eles) assume importância crescente para o fortalecimento da identidade étnica, tendo em vista a própria reprodução da sociedade de



um modo específico, enquanto estratégia para a sua sobrevivência a longo prazo.

Algumas mudanças nos padrões alimentares começam a se esboçar a partir de uma iniciativa dos mais velhos (na tentativa de provocar um "efeito-demonstração"), voltando a consumir alimentos tradicionais e chegando mesmo a recusar o consumo de produtos introduzidos a partir do contato. O Dr. João Paulo Botelho Vieira Fo., da Escola Paulista de Medicina, consultor da comunidade para assuntos de saúde - que, através do apoio do Programa Parkatêjê deveria retomar a assessoria sistemática - durante anos consecutivos chamou a atenção dos Parkatêjê para as doenças e a degenerescência paulatina que acompanhavam a adoção de padrões de consumo alimentar "kupé".

No entanto, "ver para crer" sempre foi e continua sendo a "política" parkatêjê em relação aos desacertos e que, por sua vez, engendra novas estratégias, sobretudo nas suas relações com os "kupé" de um modo geral, tanto pessoalizadas como institucionalizadas. Esta é a mesma lógica operante que lhes permite sempre rever acordos, reformular projetos e políticas a curto e médio prazos, uma vez que, no campo das transformações sociais em que vive a sociedade parkatêjê, nada pode ser considerado "definitivo".

"Atividades produtivas" e a delicada questão das "recomendações"

Já alertamos anteriormente, em inúmeras ocasiões, que as recomendações apresentadas no âmbito do Programa Parkatêjê devem ser sempre precedidas de discussões conjuntas, aprofundadas e qualificadas, a fim de se evitar desperdícios e novos equívocos. Sugerir, por exemplo, a "ampliação do rebanho bovino" para fins de consumo alimentar (como propôs, talvez inadvertidamente, a atual gerente do Convênio CVRD em visita à aldeia) requer considerações específicas; caso contrário, a sugestão adquire um caráter apressado e inadequado:

1- no interior da área indígena Mãe Maria NÃO HÁ, NO MOMENTO, PASTAGENS DISPONÍVEIS, a não ser aquelas provavelmente CONTAMINADAS sob as linhas de transmissão da Eletronorte, que devem ser evacuadas o mais breve possível (conforme insistiu o Dr. João Paulo Botelho em seus relatórios e recomendações à comunidade), a fim de não comprometer completamente o rebanho e os eventuais consumidores de carne ou leite dali provenientes;

2- só muito recentemente alguns rapazes da comunidade começaram a ser treinados pelo vaqueiro (contratado pelo Programa) para lidar com o gado (ordenha, cuidados veterinários, vacinação, etc.);



3- não se conhece adequadamente as consequências particulares do consumo da carne bovina para o quadro imunológico de populações que, tradicionalmente, baseiam sua dieta de fontes protéicas na CAÇA e na COLETA, atividades INSUBSTITUIVEIS, tanto do ponto de vista "econômico" quanto simbólico, que ordena relações sociais específicas.

Neste prolongado final de estação chuvosa, apesar das ameaças explícitas de invasão iminente do sul da área indígena - ao longo da ferrovia, que requer URGENTE REAVIVENTAÇÃO DE PICADAS - ameaças estas vinculadas à manipulação de políticos locais e regionais inescrupulosos, iniciou-se entre os Parkatêjê um período fortemente marcado por "atividades produtivas" (onde poderiam então ser enquadrados quase todos os gastos verificados).

A colheita do milho, único produto agrícola ao qual está ligado um ritual específico - o PÖHYTETET - dá início ao ciclo de outras colheitas, sucessivamente a do arroz, amendoim e batatas, que transcorrem no período inter-sazonal (final da estação chuvosa e antes da seca), paralelamente à realização de um ciclo ritual de longa duração - neste ano, a festa do TEP (peixe) - envolvendo toda a comunidade. As mudanças climáticas verificadas na região fazem-se sentir no prolongamento inusitado das chuvas, atrapalhando a colheita do arroz.

A comunidade retomou suas atividades de fabrico de farinha de mandioca para consumo, substituindo assim a aquisição deste produto. A farinha produzida atualmente pelos integrantes da equipe de vigilância, nas proximidades da aldeia, é de excelente qualidade e a colheita da mandioca (seguindo-se a do arroz), cujas roças atualmente produtivas encontram-se nas proximidades da rede de transmissão, dá início a sua efetiva remoção, de acordo com a recomendação da consultoria para assuntos de saúde. A realocação dos roçados, bem como das pastagens sob as linhas de alta tensão deverão ocorrer neste ano, com o aproveitamento de antigas capoeiras no interior da área, através de um sistema tradicional de "rodízio" (os intervalos de reutilização variam de seis a dez anos, em média) empregado pelos Parkatêjê, evitando assim a derrubada de novas áreas de floresta densa.

*Paulo Araújo*  
abr. 94